JOAQUIM DE ARAUJO

ÁCERCA DOS VERSOS DE JOÃO DE DEUS

(Carta ao Dr. Rodrigo Velloso)

Supplemento ao opusculo—*Algumas poesias de João de Deus não entradas no «Campo de Flores—*

Seguido de uma carta annotada de Rodrigo Velloso ao ex.mo sr. Joaquim de Araujo.

BARCELLOS
Typographia da Aurora do Cavado
Editor—*R. V.*
1894

JOAQUIM DE ARAUJO

ÁCERCA DOS VERSOS DE JOÃO DE DEUS

(Carta ao Dr. Rodrigo Velloso)

Supplemento ao opusculo—*Algumas poesias de João de Deus não entradas no «Campo de Flores*—

Seguido de uma carta annotada de Rodrigo Velloso ao ex.mo sr. Joaquim de Araujo.

BARCELLOS
Typographia da Aurora do Cavado
Editor—*R. V.*
1894

Ao Ex.mo Marques Gomes

n.º 18

o 1.º o

[illegible]

Rodrigues Velloso

ÁCERCA DOS VERSOS DE JOÃO DE DEUS

(Carta ao Dr. Rodrigo Velloso)

Lisboa, 16 de julho

Meu presado amigo

Felicitando-o calorosamente, pelas interessantes e illucidativas notas, com que o meu amigo acompanha as poesias de João de Deus, que vém de dar á estampa, permita-me que eu lance mão da penna para annotar, a meu turno, uma parte do texto recolhido por V. Ex.ª.

Quando se trata de um poeta como João de Deus, cujo talento genial só tem parallelo na rigidez stoica do seu caracter, tão puro e tão nobre, acho poucas e pequenas todas as homenagens que se lhe alevantem. Por mim, amando mais ainda, se é possivel, o homem que o poeta,—certamente a mais viva e singular figura das letras portuguezas no século XIX—, é no seu convivio intimo que muitas vezes tenho encontrado o mais santo refugio que poderia procurar. Não me leve, pois, V. Ex.ª a mal que, pondo de lado algumas considerações,que tencionava oppor á reapparição (?) de abandonadas composições de João de Deus, eu reprodusa, em fugitivos e rapidos traços, que não comporta, mais e melhor, o meu estado de saude, a annotação indispensavel a alguns trechos que fazem parte da collecção de V. Ex.ª.

Pag. 43—*Sem titulo*—João de Deus costuma escrever esta graciosa quadra em muitos dos albuns que lhe enviam. Dahi, supporem-na composição autonoma. Não é; faz parte de uma das mais formosas liricas do *Campo de Flores*.

Pag. 44—*Amor, horror e odio*—O titulo não tem a marca de João de Deus: as oitavas são da *Lata*, e acham-se no *Campo de Flores*, bem como nas duas edições das *Flores do Campo*.

Pag. 47—*11 de junho*—Pertence ao additamento final do *Campo de Flores*, sob a rubrica de *Luctuosa*. Sahira primitivamente no *Feixe de pennas*, valiosa collecta, realisada pela minha excellente amiga D. Maria Amalia Vaz de Carvalho.

Pag. 48—*Ad Sodales* se chama no *Campo de Flores* a poesia *Sorriso*, que se lê nesta pag.

Pag. 71—*Ada*—Esta composição não é de João de Deus. O seu autor é D. Thomaz de Mello.

Pag. 73—*Que não...que sim.* Vi pela primeira vez este molho de grêllos com o nome de João de Deus, num jornal de Ponta Delgada. Estava eu então na ilha de S. Miguel. Para logo protestei que tal *cousa* não era, nem como estilo, nem como versos, do grande poeta, meu amado mestre e queridissimo amigo. Tinha razão. A versalhada acha-se publicada, com o nome do seu auctor, desde 1850, na *Revista Popular*. É de João de Lemos, poeta illustre que se parece com João de Deus...em se chamar João.

Pag. 75—*Capricho*—Versos do sr. João Diniz, erradamente impressos sob a auréola do nome do nosso grande lirico. Basta lel-os uma vez, para se adquirir a certeza de que não teem nada que ver com João de Deus. Com estas indicações que

lhepatenteei, já Theophilo Braga rectificou, no exemplar com que V. Ex.ª o distinguiu, a paternidade das poesias, a que me venho referindo.

As duas composições que seguem ao *Capricho* acham-se no *Campo de Flores*, porventura com titulos diversos, o que não tenho ensejo de verificar agora. Estavam já impressas nos volumes de João de Deus, uma nas *Flores do Campo*, outra nas *Folhas Soltas*.

Voltando ás notas de V. Ex.ª, releve-me a rectificação de um ligeiro lapso, a pag. 100: Germano Vieira de Meyrelles morreu dois ou tres annos depois de seu irmão Antonio. Foi meu Pae quem o velou; lembro-me perfeitamente disso.

O prologo de Anthero de Quental é tambem um serviço; desde muito novo, Anthero impoz e proclamou João de Deus como o Mestre dos mestres. O mais antigo documento dessa adoração de um grande homem por outro homem da sua esphera—adoração que durou a vida de Anthero—acha-se nas primeiras paginas do livro dado a lume por V. Ex.ª. Só esse escripto valorisa uma publicação!

De V. Ex.ª
velho e agradecidissimo amigo
Joaquim de Araujo

Carta annotada de Rodrigo Vel-
loso ao ex.^{mo} sr. Joaquim de Araujo.

Meu ex.^{mo} e bom Amigo

Estampei na *Aurora do Cavado*, onde primitivamente sahido em sua maior parte o meu mesquinho trabalho denominado *Algumas poesias de João de Deus não entradas no «Campo de Flores»*, depois e ultimamente reunido em opusculo, a carta que V. Ex.^{a} teve a bondade de dirigir-

me a proposito do mesmo opusculo, e, conforme os desejos de V. Ex.ª, d'essa carta acabo de fazer tiragem especial de 30 exemplares, que nas mãos de V. Ex.ª depositei.

Creio bem haver em tal modo testemunhado não só a muita consideração e admiração que a V. Ex.ª tributo desde longos annos, como a boa amizade que a V. Ex.ª me prende tambem desde dilatado periodo, e ainda e mais do que isso, se o mais aqui possivel, a devoção que voto a João de Deus e á sua obra desde que, nos meus primeiros tempos de Coimbra, tão longe idos já, me costumei a querer-lhe e a rcspeital-o como homem, e a adoral-o, com intimo e convicto e santo fanatismo, como poeta. E por certo que o desejo vehemente de vêr completa, quanto possivel em seu harmonico conjuncto, a obra gigantesca e immortal de João de Deus, que foi o pensamento que me guiou na elaboração d'aquelle meu opusculo, maior em mim não é, do que o de vêr a mesma obra depurada de todas e quaesquer feses que a deturpem e inquinem na tradicção que d'ella corre, quasi á revellia do maravilhoso poeta, e sem que elle ponha o minimo esforço, nem sequer cuidado, a acrisolal-a e acendral-a, como tanto para desejar que o fizesse.

E para isso no seu todo muito e mui poderosa e efficazmente póde valer a incontrastavel competencia de V. Ex.ª, e já principiou ella a demonstrar-se na carta a que atraz alludo, e a que é como que resposta congratulatoria a presente, notando V. Ex.ª mui benevolamente n'ella os lapsos ou enganos em que por mais que uma vez cahi, ora attribuindo a João de Deus e dando como d'elle poesias que lhe não pertencem, ora reproduzindo como não entradas no "Campo de Flores„ poesias suas, que effectivamente ahi figuram.

Ainda bem que logo sobre a publicação, (se publicação se póde dizer a distribuição do pequeno numero de exemplares d'elle por admiradores de João de Deus e por amigos pessoaes), d'esse modesto opusculo, veio a carta de V. Ex.ª, muito a tempo, pois, de corrigir-lhe os mais salientes defeitos, e ainda bem que V. Ex.ª me auctorisa, antecipando-se a pedido que haveria que fazer-lhe, a reproduzir a mesma sua carta em formato igual ao do meu opusculo e de modo a poder juntar-se a elle, como para que ao lado da columna das erratas figure a das emendas. E essa auctorisação agradecendo-a mui cordealmente, me dei eu pressa, como V. Ex.ª o vê das paginas anteriores, em aproveital-a.

Posto isto permitta-me V. Ex.ª, com sua não desmentida benevolencia, que eu registre n'esta carta, mui *per summa capita*, algumas observações que a de V. Ex.ª me suscitou, observações que teria por um crime de lesa litteratura calar, mas antes de as expôr, e como razão para ellas, ou ao menos para algumas, não me alcunhe V. Ex.ª de massador por as preceder com considerações que julgo de todo o a proposito fazer.

„Jamais tive aspirações a litterato„, escrevi eu em 1861 (contava V. Ex.ª então apenas 3 annos,)ao meu saudoso amigo, com quem tão aturada correspondencia sustentei, Innocencio Francisco da Silva,como se póde ver no tomo 7.º, pag. 166 do seu nomumental *Diccionario Bibliographico Portuguez*. e hoje que volvidos são sobre essa data tantissimos annos, posso repetir a mesma frase, que continúa ella a ser a expressão da verdade. Mas com não ter aspirações a homem de lettras, apesar de ser vulgarissimo hoje em dia, e já desde longos tempos, o metter-se a sel-o quem por modo algum em condições de sustentar as responsabilidades do encargo, lembrando a famosa para-

---

(a) Vd. nota 1.ª no fim.

bola *Eu, Antão Verissimo e a Mosca* (a), de Antonio Feliciano de Castilho, nem por isso tenho deixado de lidar sempre atraz das boas lettras, e de lhes consagrar o culto de entranhado affecto, como seu amador dedicado e infatigado. E no proposito deliberado de lhes prestar, não como sacerdote e nem se quer neophito em seu templo, mas como um simples serventuario d'elle, o concurso de minha boa vontade, sobre o procurar sempre e afanosamente, no meio da mais fadigosa lucta pela existencia, o rodear-me das obras primas, das boas obras de todas as litteraturas antigas e modernas, (b) tenho-me sempre esforçado por abrir e franquear a todas as vocações litterarias periodicos onde possam publicar as primicias de seus talentos e estudos, librar seus primeiros e mal seguros voôs.

Assim, durante o meu curso universatario, e nos annos de 1860 a 1861, de 1861 a 1862 e de 1863 a 1864 fundei e editei em Coimbra tres periodicos academicos, o *Phosphoro*, o *Tira-Teimas* e o *Attila*, em que se estreiaram e para que escreveram, como já em outros lugares o hei frisado, muitos dos mais esperançosos es-

(b) Vid. nota 2.ª no fim.

criptores das nossas lettras então, e alguns d'elles hoje de suas glorias mais puras, contando-se entre outros n'esse numero, João de Deus, Anthero do Quental, Alberto Sampaio, Alberto Telles d'Utra Machado, Santos Vallente, Caetano Teixeira Coelho, Antonio d'Azevedo Castello Branco, Guimarães Fonseca, Germano Vieira Meirelles, Eugenio de Barros etc...

Assim, após minha formatura, e a fixação da minha residencia, em Barcellos entregue ás lidas da advocacia, tenho mantido aqui o modesto semanario *Aurora do Cavado* (c) que, durante os 27 annos que já conta de existencia, tem tido a a honra de ver collaborar em suas columnas, escriptores da pujança de Theophilo Braga, de Bruno (José Pereira Sampaio), de José Leite de Vasconcellos, de Joaquim de Araujo, de Fialho d'Almeida, de Maximiano Lemos, de Antonio Francisco Barata, de Gabriel Pereira, de Antonio Fogaça, de Alberto Malheiro e de tantos outros já consagrados pela aura publica como escriptores de condigno renome, e franqueado sempre suas columnas aos neophytos das lettras, estreia para muitos n'ellas, sem algum interesse para

---

(c) Vid. nota 3.ª no fim.

mim—(de todos é sabido o angustioso viver do geral dos periodicos da provincia) —e sem outra satisfação que não a de dar azos, repito, á manifestação de uma ou outra vocação litteraria, e a de mais ou menos, ainda que bem de longe, manter convivio, por sua modesta secção bibliographica, com os homens de lettras, e no movimento litterario, do nosso paiz.

E nenhuma velleidade puramente litteraria me tem jámais demovido, de novo o friso, em todo o meu já longo, demasiado longo, trato com as lettras e com os que dignamente officiam em seu templo. Posto isto como confissão sincera de minha insufficiencia litteraria, e como desculpa para os lapsos que se deram no meu mesquinho trabalho "*Algumas poesias de João de Deus não entradas no Campo de Flores*», devidos a esse motivo, e mais de que a elle, á decadencia sempre crescente da minha reminiscencia, e ainda e mais que tudo ao tempo que consagro á litteratura, furtado e com custo feriado de meus trabalhos inadiaveis e profissionaes, e ainda, posto isto tambem como preliminar, que tive por indispensavel ás breves e modestas reflexões que entendo dever fazer a alguns pontos da carta com que V. Ex.ª me honrou, passo a expol-as.

E' a primeira d'ellas sobre o—?—que V. Ex.ª intercallou entre parentheses no periodo que se lê na carta de V. Ex.ª a pag. 4 "pondo de lado algumas considerações que tencionava oppôr á reapparição (?) de abandonadas composições de João de Deus„.

Quereria V. Ex.ª n'essa interrogação, um tanto sibylina, muito mais que parecendo jogar as cristas com a palavra "reapparição„, pôr em duvida serem completamente ineditas algumas das poesias compilladas no meu opusculo?

Se assim, de toda a conveniencia seria, e motivo para applausos, que V. Ex.ª houvesse esclarecido o ponto, evitando motivo para duvidas que naturalmente se levantam no espirito do leitor.

E por certo que para mim, e creio que para mais alguem, algumas das poesias reunidas no meu opusculo pela primeira vez vindas á luz em volume, e até algumas pela primeira vez sahidas a publico pela imprensa, e mais, e ainda, algumas nem já lembradas do proprio João de Deus, como o ponderei nas respectivas notas.

Tambem me impressionaram o espirito as palavras "abandonadas composíções„ que V. Ex.ª engastou no mesmo periodo, e parece-me que bem dignas eram de ex-

plicação da parte de V. Ex.ª, pois que envolvem ellas comsigo, parece, a ideia de que as poesias por mim colligidas n'esse modestissimo opusculo não dignas de virem a publico, pois abandonadas pelo proprio auctor. Já fiz sentir, creio. a V. Ex.ª que nunca foi intenção minha, na compilação de taes poesias, fazer uma obra d'arte, uma obra definitiva, mas apenas, com religioso fervor pelo divinal talento de João de Deus, reunir tudo o que sua penna brotára, como subsidio para colleccionamento e edição definitiva de sua obra, sem que me mettesse, com mão profana e insciente, a fazer selecções, para que talvez só competente o proprio auctor. Mas independentemente d'isto, poder-se-há dizer que todas as poesias de João de Deus que agrupei no meu opusculo, abandonadas por elle, por elle que é o que menos cuida e menos se importa com as riquezas inavaliaveis do seu estro, ou por quem mettera hombros a compilar-lhe a obra completa, o nosso glorioso esctiptor Theophilo Braga?!

Creio bem que não, pois não só algumas d'essas poesias—as de Joao de Deus —não entradas no *Campo de Flores*—e (algumas, iria jural-o, inteiramente desconhecidas para V. Ex.ª apesar da sua devoção e intimidade com João de Deus...)

se me antolham de todo o ponto dignas de figurarem na nova edição d'ellas em que trabalha Theophilo Braga, e do meu sentir tenho a certeza de encontrar muita e boa gente, mas ainda porque o proprio Thophilo Braga me escreve que em algo contribuirei eu com o meu opusculo para edição definitiva e impeccavel das poesias de João de Deus. (d)

Sem titulo a graciosa quadra que saiu o pag. 43 do meu opusculo é effectivamente uma das estrophes da *Vida*, uma das mais formosas e esplendidas poesias de João de Deus. Lê-se a pag. 215 do *Campo de Flôres*. O motivo de ser havida como não entrada no *Campo de Flores*, perola perdida entre as tantas das mais puras aguas e do mais iriado oriente que constituem aquella joia de inextimavel valôr, da-o V. Ex.ª na sua carta bem como a razão de ser considerada geralmente composição autonoma,

Amor, horror e odio, a pag. 44 faz effectivamente parte do fragmento da *Lata*, e acha-se a pag. 543 do *Campo de Flóres*.

Aquella epigraphe com que inscripta no periodico de que a copiaramos, foi, o que principalmente nos induziu em erro

---

(d) Vid. nota 4.ª no fim.

para a darmos como não entrada n'elle.

O 11 de junho a pag. 47, sahido no *Feixe de pennas* acha-se tambem no *Campo de Flôres* a pag. 684 sob a epigraphe *Lucluosa*, assim como a pag. 437 e sob o titulo *Ad Sodales* se acha o *Sorriso* de pag. 48 do opusculo.

Ainda no *Campo de Flôres* a pag. 153 sob a denominação de *Mal sabes* se encontra a *Duvida* de pag. 73 do opusculo, e a pag. 119 d'aquelle o *Adeus* de pag. 79 d'este, mas se uma e outra poesia a mesma no fundo; diversas ellas no seu todo, pois ao passo que o *Adeus* do *Campo de Flôres* conta onze estrophes, o do opusculo apenas numera seis, mas duas há n'este que me parecem superiores ás por que substituidas no *Campo*, e em todo o caso inteiramente diversas das por que o foram, e são ellas a 1.ª e a 6.ª, e por este lado só que seja não é para despresar, como V. Ex.ª facilmente o poderá verificar, a versão do opusculo.

Assim d'entre as 31 composições que n'este entraram como de João de Deus, apenas seis haviam sahido no *Campo de Flôres*, e por tanto restarião ainda 25 para aproveitar, senão no todo, em parte como trabalhos do immortal poeta.

D'essas 25, porém, ainda V. Ex.ª elimina tres, e estas como não pertencendo a

João de Deus e deturpando, especialmente a 2.ª d'ellas *Que não... que sim* a sua obra.

Nenhuma d'essas tres composições, perdõe-me V. Ex.ª, se n'isso vae heresia litteraria, é para despresar, e quer a *Ada*, que V. Ex.ª diz do sr. D. Thomaz de Mello, quer o *Capricho* cuja paternidade V. Ex.ª assignala ao sr. João Diniz, são de tão distincto valôr, que mereceram as honras de ser havidas como João de Deus. Que melhor elogio poderião seus auctores ambicionar para ellas?!

Quanto a attribuir-se a João de Deus a poesia de João de Lemos *Que não... que sim*, é V. E.ª em demasia cruel, crudelissimo até, se me não leva a mal o superlativo, para com o poeta que por muito tempo e até ao apparecimento de João de Deus, e ainda quando este já se levantava radiante no horisonte da nossa litteratura, foi considerado como o nosso primeiro lyrico do actual seculo.

E não eram só os velhos de então que assim o appellidavam e como tal o applaudiam, pois na pleiade dos novos muitos havia, e dos mais distinctos, que como tal o proclamavam tambem (e). Se a V.

(e) Vid. no [illegible]

Ex.ª fôra dado o vêr o enthusiasmo com que recebidas e palmeadas, de um ao outro extremo do paiz, muitas de suas composições e mais que todas a sua *Lua de Londres* e a sua *Victoria linda* que foi, é, e será sempre um primôr!... (f)

E diz V. Ex.ª com uma crueza, repito, extraordinaria e injusta que João de Lembs apenas se parece com João de Deus em se chamar João, e classifica o *Que não... que sim* como "um molho de grelos"!...

Confesso a V. Ex.ª aqui muito á puridade, que nunca na minha vida me pude affeiçoar aos grellos, e que nunca gostei d'elles, apesar de muita e boa gente affiançar que são elles excellentes em espernegados, mas obstante confesso que não desgosto do *Que não... que sim*, e que se culpa tenho, e grande, em ter crido essa poesia de João de Deus, não fui o primeiro a fazel-o e pequei em numerosa companhia...

Demais, deslocada a questão de João de Lemos sem que se desloque do assumpto, observarei a V. Ex.ª que amiudadas vezes se tem attribuido a João de Deus, [illegible] desde todos os tempos suc-

---

(f) [illegible]

cedido o mesmo com outros escriptores primaciaes)—poesias suas proprias que é elle o primeiro a engeitar, negando-lhe a paternidade, ou por que já se não recorda de sua elaboração, ou por que sua concepção forçada em occasião em que *bonus dormitat Homerus*.

D'isto dou explicação em nota, (g) que mui longo seria fazel-o aqui.

Tem V. Ex.ª razão em rectificar o que eu disse com relação á morte de Germano Vieira Meyrelles. Effectivamenre finado este em dezembro de 1877, seu irmão Antonio havia morrido pelos fins de 1872 ou começos de 1873.

A data do fallecimento de Germano communicam'a o meu velho amigo e condiscipulo Alberto da Cunha Sampaio. Da de Antonio Meyrelles dá-me conta o meu amigo e compadre Antonio Francisco Barata, por favor de quem possuo uma carta que Vieira Meyrelles lhe escreveu, com data de 29 de novembro de 1872, do leito em que padecia da molestia que o victimou.

Longa em demasia vae já esta carta, e por sem duvida a terá V. Ex.ª, apesar de sua muita benevolencia para comigo, pos-

---

(g) Vid· nota 7.ª no fim.

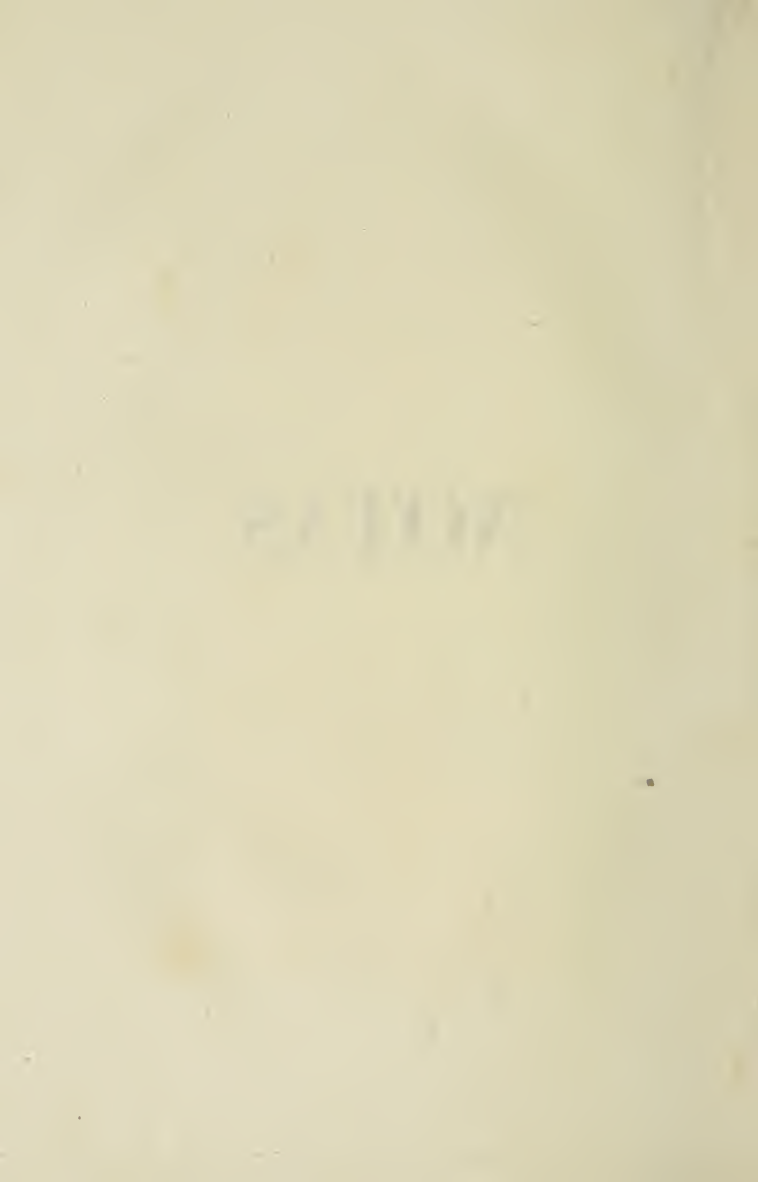
to já de parte antes de chegar aqui, e se o não fez terá dado ao démo o massador.

Não o estranharei eu se assim succeder, que prohibidas as massadas, mas em defesa da presente, terminal-a-hei por onde quasi a começára, que como uma necessidade houve e tenho as explicações que deixo expostas.

Com muita dedicação me confesso,

De V Ex.ª
velho amigo e
sempre admirador

Rodrigo Velloso

NOTAS

NOTA 1.ª

Vem nas suas *Excavações Poeticas*, e é de todo o ponto digna de lêr-se, como tantas e tantas outras producções de Castilho que para mim, um velho já, mas que pelo ser não deixo de venerar e applaudir os novos, quando elles se tornam d'isso dignos por seus talen-

tos e merecimento, foi sempre e continúa a ser um dos mais formosos e radiantes luminares da nossa riquissima litteratura, na lição de cujas obras muito há que admirar e muito mais que aprender, ainda que não seja senão sob o ponto de vista da linguagem, de que elle foi o mais perigrino e vernaculo cultor. E como, infelizmente, hoje há poucos, (mal para os que o assim o não fazem,)que curem de Castilho, transcreverei em seguida, que por novidade será tida pelo maior numero, d'essa parabola os versos em que, após sua narrativa, lhe assigna a «moralidade»:

N'esta fàbula historica se—intima
O que ninguem ignora, e não se--observa:
A tal sentença velha, obra mui prima
Do=«nada faças, se o não quer Minerva.»=
Isto è; que um genio, que nasceu de encôlhas
Não vá metter-se a redactor de folhas;

Que um mestre sapateiro, afreguezado,
Não vá ser na tragedia actor primeiro,
Que em transportes de principe ultrajado
Ralhará como mestre sapateiro:
Quem nasceu para chufas e chalaça
Nem epopêas, nem tragedias faça;

Que aquelle que nasceu para ladrão,
Seja ladrão de estrada, e não juiz,
Procurador, letrado ou escrivão;
Que um bode se não metta a ser derviz,
Nem um burro a academico; nem... nem...
Exemplos d'isto numero não têm.

NOTA 2.ª

Os unicos amigos verdadeiros são-nos os bons livros, e entre elles, e só n'elles é

que se encontra suavisação e distracção nas grandes magoas, e nunca a gente a elles e á sua boa sombra se acolhe, que se não sinta recebido de braços abertos, na maior cordealidade, e que allivio não encontre, maior ou menor, para as dores ainda as mais cruciantes.

Quanto não devo eu, pois, aos 14 ou 15 mil companheiros da minha livraria!...

NOTA 3.ª

A Aurora do Cavado foi fundada em 1867. Sahiu o seu 1.º n.º em 14 de agosto d'esse anno, tendo como redactor principal Manoel Guilherme d'Azevedo, o Queixadas, que na sua direcção continuou até o seu n.º 46 de 16 de fevereiro de 1868. A partir d'esse n.º em diante o nome de Manoel Guilherme de Azevedo, desappareceu do frontespicio da *Aurora*, onde até então figurára galhardamente, e encetou ella nova serie, com nova numeração, que tem continuado até hoje, sob minha direcção. Segundo a frase bem conhecida do grammatico Terentiano Mauro, indevidamente por mais que uma vez attribuida a Horacio, a Ovidio e a Martial *Habent sua fata libelli*, a *Aurora* tambem os tem tido, e como não deixam de ser curiosos e a V. Ex.ª, creio, não enfadará sua succinta narrativa, pois que por vezes se tem dignado collaborar n'ella, ahi vão.

Manoel Guilherme d'Azevedo serviu durante muitos annos em Coimbra republica academica, de que eu um dos membros, com mais 14 ou 15 companheiros, e que por annos seguidos demorou na Couraça dos Apostolos. Sendo essa republica muito concorrida de estudantes de todos os cursos, e entre elles de talentos de primeira ordem, Manoel Guilherme d'Azevedo, não contente com o bom nome e justificada fama que entre nós adquirira como insigne cosinheiro, merecendo sem favor as honras de ser equiparado aos melhores e mais famosos chefes das celebradas cosinhas de Lucullo, Crasso, Vittelio e Trimalcião na antiguidade, ao memorando cosinheiro do principe de Conde, o Vatel immortalisado por M.me de Sevigné, e digno de figurar como inventor de bons cosinhados ao lado de Brillat Savarin, de Alexandre Dumas, e de Charles de Monselet, que ao prazer de um bom petisco, segundo se deprehende das suas *Lettres Gourmandes*, sacrificaria sem duvida a gloria de haver occupado uma das quarenta cadeiras da Academia Franceza, do Matta, de Julio Cesar Machado e do celebre Abbade de Priscos, que a posteridade memorará mais por seus mirificos guisados que pelo bom desempenho de seu sagrado ministerio; Manoel Gutlherme d'Azevedo, repito, não contente com ser um dos primeiros na arte culinaria, desossando uma gallinha com admiravel paciencia e inteira per-

feição, para a encher de picado, de modo a figurar opulentamente, e como se com toda a sua ossatura, n'uma mesa de primeira ordem, sentiu cocegas, de ser tambem, por seu turno, litterato, e começou de entregar-se, em prosa e em verso, á cultura das letras, e por tal modo e com tal ousio, que a nós, seus amos, nos veio á ideia o comparal-o no arrojo do seu acometter as lettras e de seu propugnar pelas Musas como um novo D. Quijote, muito mais que por então tinha elle nas visinhanças uma Dulcinea, e muito mais que se lhe affigurava o Pegaso, apesar de suas azas, tão facil de montar como o Rocinante. Recciosos, porém, de fazer estremecer na campa os ossos de Cervantes, se comparassemos o nosso mestre cook com o seu heroe manchego tomando lhe o nome, e respeitadores da honrada memoria d'este, resolvemos dar a Manoel Guilherme a alcunha litteraria, menos solemne que a de Quijote, mas em todo o caso com seus longes d'esta, de «Queixadas», e por este nome ficou elle sendo desde então conhecido e tratado na nossa republica, e memorado em quasi toda a Academia de que se tornára conhecido, que todos o appellidavam o Manoel Queixadas, todos menos Vieira de Castro, que frequentando muito nossa casa, nunca soube recordar-lhe o cognome litterario, e sempre lhe chamou Manoel «Panchorcas».

De Manoel Queixadas falei eu longamente

nas minhas *Folhas ao Vento*, scenas academicas» que em Coimbra publiquei no anno de 1863, e de que hoje nem sequer eu tenho outra memoria, que não seja a que aqui deixo registrada.

Pois foi Manoel Queixadas, como o escrevi no começo d'esta, o fundador e redactor da *Aurora do Cavado* até seu n.º 46, ultimo de sua 1.ª serie, e ainda talvez hoje estivesse á frente de sua redacção, com honrosa nomeada para si e maior lustre para o modesto semanario, se não fôra o com os cuidados n'este, não me dar jantar—elle o antigo e glorioso Vatel!...—que não cheirasse ao bispo!... D'aqui tirei para uso proprio o ditado:=Cosinha e litteratura não cabem n'um sacco=ou por outra=Cosinheiro ou litterato=o que não quer dizer que o cosinheiro ou cosinheira não podendo, quanto a mim, ser um bom escriptor, não possa ser um bom critico, como o testemunharia a creada de Moliére.

NOTA 4.ª

N'esta, datada de 16 de junho passado, tão boa e tão amigavel, e testemunho para mim carissimo da benevolencia nunca desmentida do colossal escriptor, diz-me Theophilo Baaga entre outras cousas a proposito do meu *Algumas poesias suas pouco conhecidas*=O teu livro vem contribuir para a edição *non*

varietur das «Poesias de João de Deus» e felicito-te por essa contribuição.

NOTA 5.ª

Entre muitos outros que assim pensavam lembrarei o nome de Alberto Telles, auctor de um primoroso livro de versos denominado *himas* e escriptor de cunho, intimo e admirador de João de Deus, de Anthero e de Santos Valente, e compillador com este da 1.ª edição des *Flôres do Campo*, escriptor a quem as lettras patrias devem não pequenos serviços,o qual falando,aquelle tempo, de João de Lemos escreveu«Se o cantor da *Lua de Londres* não tem a grandeza das imagens que elevam e arrebatam, possue incontestavelmente aquella brandura e cadencia que seduz, prendendo os sentidos e a alma, o que torna a sua sauve metrificação uma como que toada musical que tão bem sôa ao ouvido. Quanto a nós é o segredo do seu genio e o condão da sua lyra. O sr. João de Lemos é sem duvida o nosso primeiro poeta lyrico».

NOTA 6.ª

Não resisto á tentação de transcrever para aqui as primeiras estrophes da *Victoria Linda*, versos offerecidos por João de Lemos á sr.ª D. Maria da Conceição Pereira de Me-

nezes, da Quinta das Lagrimas, em Coimbra, por occasião do fallecimento de sua filha D. Maria da Victoria, finada na vespera de completar 14 primaveras em janeiro de 1855. A mae extremosa tratava-a pela sua «Victoria Linda». Sahiu essa poesia pela primeira vez a lume na *Revista Academica* no seu n.º 6.º d'esse anno de 1855.

Eil-as as suas seis primeiras quadras:

Victoria Linda.

I

Sôpro de morte, em tua aurora ainda,
Victoria linda, desbotou-te a côr;
Voz do Senhor a outra vida infinda,
Victoria linda, te chamou em flor;

Nascida á sombra de formoso cedro,
Onde Dom Pedro meiga Ignez amou,
Como chorou a morta Ignez Dom Pedro,
Ao pé do cedro tua mãe chorou.

Fonte de lagrimas e amor chamada
Viu-te embalada na tua infancia ahi;
Do Ceu aqui tu vinhas já fadada
A ser chorada neste amor por ti.

Vento da tarde te levou sem custo,
Qual tenro arbusto sem raiz no pé;
Mas vaes co'a fé enraizar sem susto,
Do throno augusto do teu Deus ao pé.

Como arribada d'outra praia á beira,
Ave extrangeira que por cá gemeu,
Do patrio ceu a suspirar fagueira
N'aza ligeira remontaste ao Ceu.

Anjo da morte a derradeira hora
Na torre agora que soou já diz,
O bronze quiz alli chorar... não chora,
Nem prece implora... só bradou—feliz!

Na carta, a que me refiro na nota 4.ª, por mim recebida de Theophilo Braga, em julho passado, diz-me elle, referindo-me ás difficuldades em que se viu e com que luctou para levar a cabo o *Campo de Flores*—«Eu mettime n'esta empreza de dar á litteratura portugueza a obra de João de Deus, porque todos os que tinham tentado isso se tinham declarado vencidos pela inercia do Poeta. Até o proprio irmão o Padre Antonio do Espirito Santo.

. . . .

«Muitas poesias queria o poeta cortar, mas para resistir-lhe tive de recorrer á influencia de Santos Valente. Por fim, ainda me encontrei com poesias attribuidas a João de Deus, que elle rejeitava, umas vezes por não se lembrar de as ter escripto, outras porque eram effectivamente apocryphas».

N° 1.° volume do *Museu Illsustrado*, um bom periodico que se publicou no Porto em 1878 sob a direcção de David de Castro, um moço cavalheiroso e de talento a quem a morte bem cedo ceifou, lêem-se em seu 1.° volume a pag. 56 os seguintes versos de João de Deus.

N'uns annos

Dura a vida como a flôr.
Só dura uma eternidade
Passada na anciedade,
Passada no dissabôr.

Quando a Fortuna bafeja
O fragil baixel da vida,

Nunca parece comprida,
Por mais comprida que seja.

Ora tendo vós a sorte
De ter hoje ao vosso lado
O vosso filho adorado,
Vossa adorada consorte,

A natural alegria
Vos faz cahir n'um engano...
Vós não fazeis mais um anno,
Vós só fazeis mais um dia.

Estes versos, segundo se deprehende da carta em seguida, dirigida por João de Deus a David de Castro, tinham sido enviados a este pelo sr. Joaquim de Araujo.á quasi revelia d'aquelle,e com quanto João de Deus não engeite o havel-os feito, engeita-lhe a paternidade... poetica.

Leia-se essa carta que é curiosissima, e deve avivar no sr. Joaquim de Araujo recordações do caso, e fazer com que desculpados sejam os que attribuam a João de Deus a filiação de... molhos de grellos.

Eil-a:

Meu Amigo

Li aquelles versos intitulados "N'uns annos."

Li e sorri-me... de mim mesmo, porque em verdade eu é que os fiz. Mas são verdadeiramente meus?

Não. São *realmente* meus, porém não

são *verdadeiramente* meus. Esta synonimia é um tanto subtil, mas vou-me explicar.

Um dia, um meu conhecido e creio até que meu amigo pediu-me uns versos para enviar a um seu conhecido e amigo(dizia elle) o proposito do anniversario d'este. Disse-lhe que não tinha tempo. O homem, cuido que há muito anno costumava contribuir para a solemnidade da festa com versos... alheios.

Instou.

Quando alguem insta por versos, que remedio senão fazel-os? Quem acreditatará que se não acham rimas? Ora é essa a questão. De ideias não cura o freguez, e, a maior parte das vezes, nem o official.

Era *necessario* festejar em verso os annos do amigo do meu conhecido. Puz de parte alguma cousa que tinha a fazer, e transfigurando-me mentalmente no... meu conhecido, disse o que me parecia que elle diria fallando em verso. D'ahi resultaram uns versos que eu mesmo supporia apocryphos se a minha memoria fosse menos fiel.

O homem não appareceu, e os versos ficaram.

Aquelle nosso Araujo(1) fez-me a tra-

---

(1) É por certo o sr. Joaquim de Araujo.

vessura de os descobrir e enviar ao seu jornal: verdade é que perguntando-me primeiro se eu permittia, para não ter o trabalho de reflectir, respondi-lhe que sim...

Aquelle estylo é muito bom; porém não é meu, defeito que eu considero capital e caso de confissão para descargo da consciencia.

E' uma satisfação que eu dou a V. e aos meus amigos particulares, promettendo na primeira occasião offerecer-lhe alguma cousa, boa ou má, pequena ou grande, mas verdadeiramonte minha.

Em summa: se depois do titulo—*D'uns annos*,—tivesse vindo o subtitulo—Para ser recitado por outro—, ou mais simples e francamente—encommenda—toda esta explicação era excusada.

Felicito-o pelo justo acolhimento que o seu *Museu Illustrado* tem merecido de toda a imprensa e certamente hade continuar a merecer, salvo alguns versos com que eu tenha contribuido ou venha a contribuir.

De V.
amigo e admirador
João de Deus